



ILUSTRACAO  
PORTUGUESA

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Publicação semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA  
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:  
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.  
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00  
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

NUMERO AVULSO, 50 cts.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Século, 43, LISBOA

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,  
accessorios e oficinas de reparações

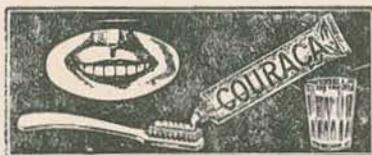
Preços resumidissimos

Vende J. Anão & C.ª L.ª

R. Nova do Almada, 6. 2.ª

Telefone 2536

LISBOA



Pasta dentifrica

**COURAÇA**

M. B. B. Teixeira

230, RUA DE S. BENTO, 2

TELEFONE 1364 — Central

LISBOA

## Maquinas e Acessorios

Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

# PRODUCTOS COOPER

Contra as molestias do gado

## Preços reduzidos



Tratado com os Pós



Antes do tratamento

Os Pós de COOPER curam a Ronha

O Carrapaticida COOPER livra o gado de carrapatos

DESINFECTANTE PARA USO DOMESTICO

Agente em Portugal: **Herbert Cassels Junior**

56, Rua 24 de Julho, 56 — LISBOA

# Ilustração & Sortigueteira



*Em casa de Veva de Lima. A escritora olhando a agua imovel...*



## 1922

**M**ME DE THÈBES, e, com ela todos os grandes luminares da previsão, devem ter dito do ano que amanhã principia aquelas frases cabalísticas que podem significar a morte do Papa ou a revolução na Bolívia.

E assim como os espiritos durante a guerra, partiam enfaticamente mesas de pé de galo para afirmar, na Alemanha, a victoria alemã, e na França, a victoria franceza, assim todas as previsões se hão de esvaír em fumo; porque a realidade, por muito que se cancem é sempre imprevista...

Certezas? Em que poderíamos basear-as!? Apenas nos factos passados que tenham para o nosso critério, embora fallivel, uma inevitavel consequencia... Isto é, 1922 será uma reedição, correcta e aumentada de 1921. Que Deus nos acuda!

Havemos de ver, lá fóra, o sr. Lloyd George cada vez mais Lloyd e cada vez mais George; a Irlanda pacificada, a india pacificada, o Egypto pacificado, tudo *pacificado*, até o Atlantico. Na America, do Norte, a grande republica estrelada, continuam a florescer meigos presidentes que são outros tantos Jonas engulidos pelo insaciavel cetaceo britanico... Depois de Wilson, um bom *ponto* com quatorze «pontos» Harding, uma excelente alma que não tem ponta por onde se lhe pegue. O Desarmamento!... E' verdade, 1922 vae ser o ano do desarmamento...

Tudo se pacifica... Até é capaz de se pacificar o furioso sr. Orlando Marçal... Tudo se desarma... Reina uma febre de desarmamento a fingir...

Na conferencia é figura predominante o almirante Kato. O desarmamento é o Kato por lebre que querem servir ao mundo.

Por isso a moda decretou as saias compridas. E' ainda um desarmamento... Um grupo de mulheres elegantes passarã a não lembrar, até dois palmos do chão, uma bateria anti-aerea de *Schneider-Canet* cujas estrias fossem malhas de sêda, cuja *alma* fosse o tendão de Achilles...

Desce sobre eles o *camouflage* dos veludos a muitos mil réis o metro...

Mas assim como ninguém tira ás mulheres o tiro de barragem dos olhos, assim nenhum Kato será capaz de endireitar o mundo.

No prefacio do seu livro a acerca de d'Annunzio, Antonio Ferro diz do discutido auctor do *Fuoco*, após varias considerações, que elle não acabou. D'Annunzio continua! exclama Antonio Ferro E' uma pleonastica affirmacão. D'Annunzio continúa, como tudo continua, como todos nós continuamos...

Continuamos a pugnar pelas Belas Aates, continuamos a dizer coisas desagradaveis ao sr. Bermudes, continuamos a escrever maravilhas que as gerações vindouras não lerão, continuamos a ir ao Chiado e á Baixa, continuamos a dizer mal uns dos outros, continuamos, continuamos, continuamos!..

As *verdades* novas de 1922 são as velhas mentiras de 1921.

Os 365 dias do ano que vem chegando desenhm no Tempo, como outros tantos pontos, negros ou brancos, doirados ou rócos, uma gigantesca interrogação.

Alegria? Tristeza? Bem? Mal?  
Quem poderá responder!

Se o proprio Deus, que sempre a viu reproduzida em vão, a deixa ha dois mil anos sem resposta!

THOMAZ  
RIBEIRO  
COLAÇO.

O belo desenho que acompanha o soneto de Candido Guerreiro que publicámos no nosso ultimo numero é do distinto artista algarvio, Roberto Nobre, que vai passar a ser um colaborador assiduo da «Ilustração Portuguesa». Tambem, por lapso deixamos de mencionar, como autor da capa do mesmo numero, o nome illustre de Leal da Camara.

A Iguma da colaboração solicitada para este numero não pôde ser publicada por absoluta falta de espaço. Este facto não representa menos consideração por qualquer dos nossos colaboradores, iguaís na nossa estima e na nossa admiracão.

A manhã, dia de ano bom, é o dia em que todos se prometem uma vida nova, em que todos estreiam uma agenda, em que todos arrumam as suas horas... Ao fim de dois mezes a Vida, a grande Vida sempre nova, sempre inconstante, desmanchará todos os horarios... E ao meio do ano todos esperarão com impaciencia o principio do outro para então, a valer, começarem a tal vida nova, a vida que nunca chega.

Terminadas no proximo numero as memorias de sua alteza o Duque do Porto, a «Ilustração Portuguesa» promete aos seus leitores uma novidade sensacional: a publicação das memorias duma das personalidades mais discutidas da vida portugueza.

E' inédita toda a colaboração deste numero especial. A poesia de Eugenio de Castro, «Canção da Jumentinha do presepio» foi escrita expressamente para a «Ilustração Portuguesa». Ao grande poeta e a todos os colaboradores deste numero, os nossos agradecimentos.

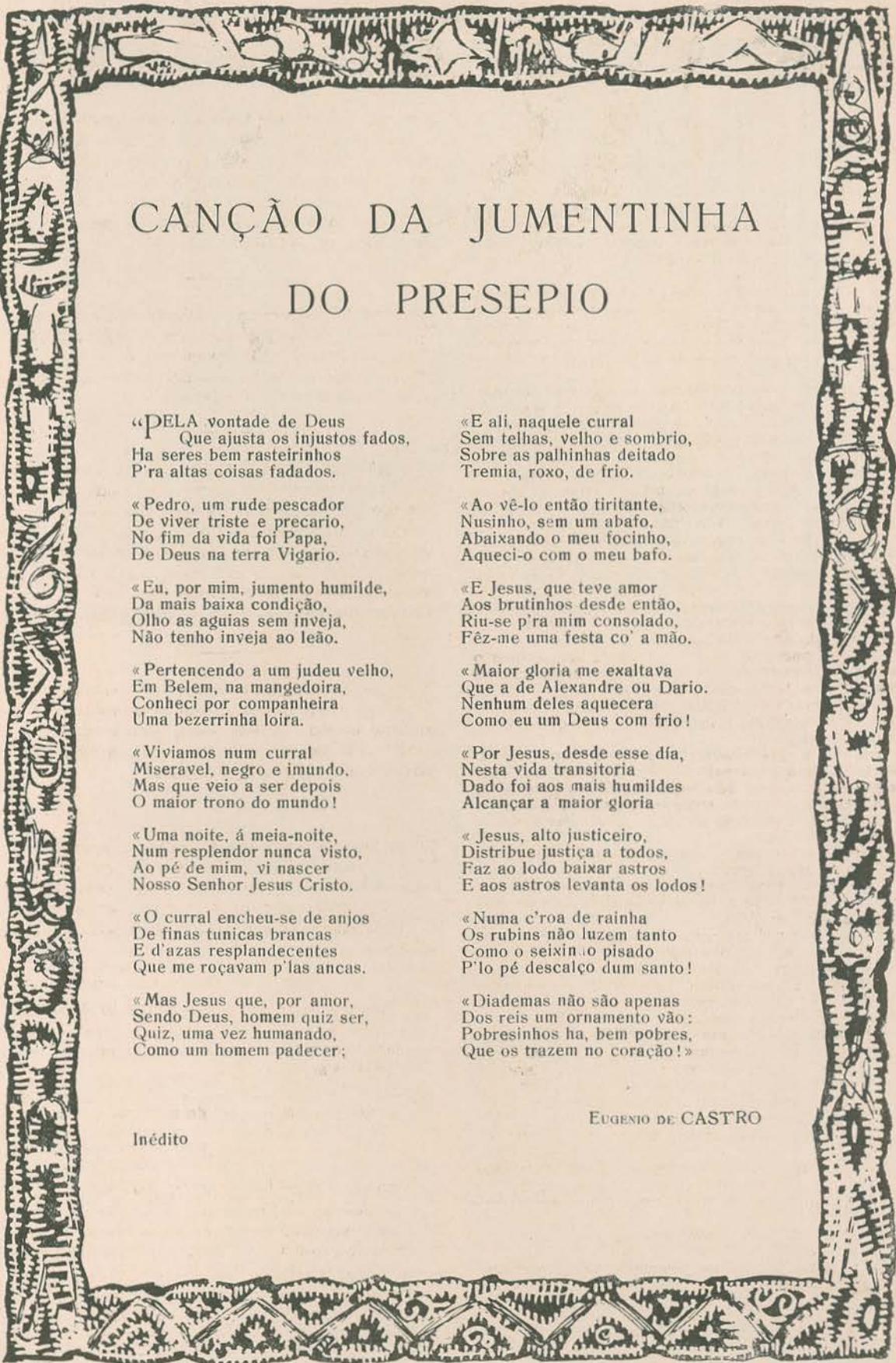
No banquete a João Vaz. O sr. Orlando Marçal entra na sala do Leão onde se está realisando o banquete. Alguem pergunta a André Brun:

— Quem é aquele sujeito?

Resposta de André Brun:

— E' um que tem a bossa da politica...

Recebemos, entre outros livros, a *Lenda da Praia do Guincho* de Berta Leite. E' a revelação dum belo temperamento de escritora. A pureza da fórma, e a ternura do assunto, que Berta Leite escolheu para a sua estreia, fazem com que o pequeno volume, se leia com agrado de principio ao fim. A *Lenda da Praia do Guincho* tem recebido um ctimo acolhimento do publico e da imprensa. No proximo numero publicaremos o retrato da sua autora.



## CANÇÃO DA JUMENTINHA DO PRESEPIO

«PELA vontade de Deus  
Que ajusta os injustos fados,  
Ha seres bem rasteirinhos  
P'ra altas coisas fadados.

«Pedro, um rude pescador  
De viver triste e precario,  
No fim da vida foi Papa,  
De Deus na terra Vigario.

«Eu, por mim, jumento humilde,  
Da mais baixa condição,  
Olho as aguias sem inveja,  
Não tenho inveja ao leão.

«Pertencendo a um judeu velho,  
Em Belem, na mangedeira,  
Conheci por companheira  
Uma bezerrinha loira.

«Viviamos num curral  
Miseravel, negro e imundo,  
Mas que veio a ser depois  
O maior trono do mundo!

«Uma noite, á meia-noite,  
Num resplendor nunca visto,  
Ao pé de mim, vi nascer  
Nosso Senhor Jesus Cristo.

«O curral encheu-se de anjos  
De finas tunicas brancas  
E d'azas resplandecentes  
Que me roçavam p'las ancas.

«Mas Jesus que, por amor,  
Sendo Deus, homem quiz ser,  
Quiz, uma vez humanado,  
Como um homem padecer;

«E ali, naquele curral  
Sem telhas, velho e sombrio,  
Sobre as palhinhas deitado  
Tremia, roxo, de frio.

«Ao vê-lo então tiritante,  
Nusinho, sem um abafo,  
Abaixando o meu focinho,  
Aqueci-o com o meu bafo.

«E Jesus, que teve amor  
Aos brutinhos desde então,  
Riu-se p'ra mim consolado,  
Fêz-me uma festa co' a mão.

«Maior gloria me exaltava  
Que a de Alexandre ou Dario.  
Nenhum deles aquecera  
Como eu um Deus com frio!

«Por Jesus, desde esse dia,  
Nesta vida transitoria  
Dado foi aos mais humildes  
Alcançar a maior gloria

«Jesus, alto justiceiro,  
Distribue justiça a todos,  
Faz ao lodo baixar astros  
E aos astros levanta os lodos!

«Numa c'roa de rainha  
Os rubins não luzem tanto  
Como o seixinho pisado  
P'lo pé descalço dum santo!

«Diademas não são apenas  
Dos reis um ornamento vão:  
Pobresinhos ha, bem pobres,  
Que os trazem no coração!»

Inédito

EUGENIO DE CASTRO



Veva de Lima, entrevistada pela «Ilustração Portuguesa»

## A ENTREVISTA DA SEMANA

### VEVA DE LIMA

**A**BRE-SE o pano... O creado negro de Veva de Lima corre os reposteiros misteriosos, atraz dos quaes vou encontrar a Artista. Os reposteiros teem ramagens vermelhas, estilizadas, que se quebram numa flutuação de linhas de sangue...

Agora é a escadaria — aquela escadaria que já Antonio Ferro citou, toda cheia de peles de tigres, listradas, estiradas, como se a alma das fêras estivesse ali, humilde, numa grande homenagem estranha...

E ao cimo começam os salões — uns salões diluidos em penumbras como certos feeries de Rafaelli, uns salões que são florestas d'Arte, arquipélagos de divans e de *bibelots*. Além, num recanto surge-me um grande campanario de ferro estilizado, filigranado — o ultimo lampanario, de certo... Mais peles pelo chão, assurdinando os passos, como se êles fossem intrusos, como se eles fossem profanadores...

Por fim a «Sala verde», que vae ser a moldura da entrevista — a moldura em que Veva de Lima ocupa toda a scena, em que os seus gestos desenhiam o arabesco de todos os dramas e de todos os sonhos...

Espero a Artista — com os olhos tontos, com os olhos perdidos, como creanças, naquela *hermesse* de tons doces, tons esmaecidos, como se fôsem vistas tambem «à luz dum vitral», um vitral de requinte e de harmonia.

Veva de Lima chega. A sua figura elançada, esguia, flexuosa, é a chave do scenario, a alma do ambiente encantado....

Instalamo-nos, em *tête-à-tête*. Veva de Lima tem atitudes muito suas, que logo a fixam, a revelam na sua superioridade feminina.

E eu começo por lhe dizer o meu horror das entrevistas solenes, com interrogatorios marcados, as entrevistas espartilhadas, em que as palavras não teem a nobreza alada dos vôos libertos, das audacias maravilhosas... Não. O que eu quero é ter um pouco da sua personalidade, a sua personalidade rara, diferente de todos, vivendo áparte, no seu canto, na sua ilha — uma ilha de luxo e de Beleza, cercada de Lisboa por todos os lados...

Veva de Lima explicou-me então que fizera a tenção de não se deixar entrevistar de se condenar ao exilio dum silencio perpetuo...

— Mas o Antonio Ferro entrevistou-a...

— Ah! sim, o Antonio Ferro! Ele foi para mim, uma especie de saltador — um saltador gentil... Tivemos depois um ligeiro duelo — umas espadeiradas na imprensa. Ficamos de resto bons amigos... Ele é um conversador brilhante, interessante — com uma grande frescura de emoções...

— A proposito de Antonio Ferro, tenho uma pergunta que gostava de formular:

— A sua impressão sobre o movimento modernista!...

Eu quero apenas dizer o movimento modernista em Portugal... Mas Veva de Lima vae muito além, abraçou o movimento modernista do mundo... A sua Alma é uma Alma que não cabe em pequenos limites. A minha entrevista, que eu julgava ficar dentro de Por-

tugal — galga mais longe, abraça a Europa, luminosa-mente...

— O movimento modernista! Afinal, o movimento é só um — na política, na Moral nas Belas Artes, na Literatura: Tenho mesmo um livro proximo, um capitulo sobre êle — um capitulo em que eu sintetizo a minha ideia — e que eu posso ler-lhe uma destas tardes. O movimento é só um — o movimento, ousemos dizer assim, Bolchevista, o movimento que lança abaixo as barreiras, como humilhações desfeitas... De resto bolchevista é uma palavra pouco expressiva, deslocada entre nós, pelo seu sabor slavo... E entretanto, o movimento geral é êsse. Desde sempre, do Oriente vieram todas as correntes, as boas e as más... O bolchevismo na Arte, na Política, como nas Lêtras — não vem de germinações espontaneas, vem duma marcha cadenciada, progressiva... Quando o cubismo surgiu em França, já tinha uma forte expansão na Alemanha, para a Alemanha ele viera da Russia.

nita... Ainda assim alguns agradaram-me... Enquanto foram apenas, ritmo, enbevecimento, Além — agradaram-me... Depois, tomaram outro prisma, uma forma abonecada, frivola, — em que o bailado se diminui, se desvirtuou...

E, fechado o parentesis, Veva de Lima volta a falar das largas perspectivas, dos horizontes europeus:

— Estamos numa epoca confusa, um turbilhão d'azas e *débacles*, um baralho de anarquias e trofeus. Os pilares da civilização quebram-se... Vae haver uma renovação, uma alvorada diferente. Boa, má? No meu livro mesmo o não sei: boa ou má, não sei: diferente. O bolchevismo, se assim quizermos dizer, avança, conquista... Sabe que é mesmo uma moda que me interessa, talvez a unica que me dá o *frisson* desconhecido: o convívio com as massas operarias... Sinto-me domadora entre feras — admiro-lhes a infantilidade, a elasticidade, os impetos... Estou mesmo quasi resolvida a entrar, para ver uma



Veva de Lima e o seu lampadario simbolico

— Antes de Lenine, foram os bailes russos...

— Sim — e os bailes russos são a primeira afirmação aberta do bolchevismo. Veja mesmo os dançarinos russos... A sua linha quebrada, é um hieroglypho de geometrias doidas — êles são os eternos enfeitados do Ritmo, os revolucionarios dos gestos, os futuristas das atitudes...

— De passagem: os bailes russos em Lisboa?

Veva de Lima tem o seu sorriso d'ironia inteligente, d'ironia estetica... De resto, Veva de Lima tem, para cada fase da conversa, um aspecto novo, uma revelação nova, A sua expressão tem uma collecção inesgotavel de *nuances*... A melhor entrevista é a dos seus olhos fulgurantes, a da sua boca em arco, a das suas mãos featraes, sempre com um repertorio inedito de mimicas...

— Os bailes russos em Lisboa foram quasi um assassinato... O publico não estava preparado, educado... Era como uma infantilidade cega perdida num bosque feerico — não compreendia, sentia o labirinto á sua frente, o labirinto da sensualidade infi-

Associação revolucionaria. Deve ser perigoso, — mas que voluptuoso perigo!...

— De resto, o bolchevismo, no estrangeiro...

— Conheço-o muito, o bolchevismo no estrangeiro... Em Paris, disfarçada de estudante russa, penetrei alguns desses meios novos... Ia com uma polaca, Vassilieff, que principiou por ser cubista — cubista para ganhar a vida! — e que depois se dedicou a uma arte absolutamente sua: a dos bonecos, bonecos quasi *pantins*, bonecos de trapo, polichinelescos... Mas ela dava-lhes luz, côr, espirito, labareda... Eram protoplasmas da Alma.

— Tipos interessantes, no Paris moderno?

— Interessantissimos — no seu aspecto flagrante de tragedia contemporanea. Conheci um aristocrata sueco, novo, esbelto, flôr nobre duma raça eleita, e que, ancioso do Paris, o grande meteoro da civilização, se sujeitava a ser — creado do quarto de Mr. Robinson, milionario americano! Até às quatro, era uma apumada figura submissa introduzindo visitantes, espanejando moveis... As cinco estava nos

Teas, elegantes e intelectuaes, irreprezível, soberbo... E conheci uma pintora modernista, inglesa, Dina Barnedt, curiosa, antiga condessa palaciana. E quantas mais meu amigo, alucinados na vertigem correndo ao ritmo contraditório dos turbilhões!...

—Tem razão... A civilização cae... E essa galeria de taradas é dogmatica, é certa como uma ferida... A civilização é uma estatua que se parte... —E contudo como ela era maravilhosa, a civilização!; como ela se rendilhára se complicára, se aperfeiçoára...

—Por isso mesmo, como ela se tornara fragil!... Ha um intervalo de silêncio. Na expressão de Veva de Lima, esboça-se agora, uma sombra — uma sombra larga de tragédia íntima:

—Aí está porque eu às vezes fraquejo. Ha em mim dois avatares: o combativo, por um lado; e, por outro, o pessimista, o descrente, o doloroso... Às vezes não escrevo, não creio, quando me ponho em frente do *vient* da vida...

—O eterno «para-quê?» dos torturados... —Precisamente... o «para quê?» que nos enfraquece, que nos desanima...

Outra pausa mais longa. A entrevista é totalmente diferente do que eu projectara. Diferente, é claro, para melhor, para mais alto... Digo-o mesmo a Veva de Lima, cujos olhos agora se claro-escurem num ambiente novo:

—A nossa conversa tem saído do nível, tem pairado... Tem sido uma conversa de vãos... Temos agora de aterrissar — uma condescendencia com a turba...

E a seguir, quasi sem marcar uma transição suave, lança uma interrogação concreta:

—Dos novos, o que pensa?

—Dos novos?

Mas eu não os conheço, não os conheço mesmo nada! Quer que lhe fale de si? Leio sempre as suas criticas, admiro-lhe o critério, a cultura ampla... Quer que lhe fale do Antonio Ferro? E' um proador com uma vibração surpreendente, desconcertante, um mixto de Pierrot e de S. Jorge — num cavalo de madeira...

—E dos pintores?

—Ha Eduardo Viana... Gosto da sua luz, vi, na sua exposição, dois belos fócios luminosos... Os outros não conheço, não chego a conhecê-los...

—E entretanto os novos tem valores, tem esforços interessantes...

A proposito, cito-lhe a questão agitada e hodierna das Belas-Artes... Num momento em que descrevo o entusiasmo da geração na sua cruzada justa, Veva de Lima tem uma frase:

—Se eu fosse rapaz, já lá estava tambem, na *mêlé* combatendo...

E, no final, pedimos a sua sentença:

—Mas qual a sua impressão neste caso das Belas-Artes; os novos marcham para a guerra, para a nossa grande guerra!

—A minha impressão? Deito-lhes flores, grito-lhes que avancem... *Et allez donc!*...

Lembro-me duma nota a ferir:

—E literatura feminina?

—Intensissima, não acha? As mulheres entre nós, largam a agulha, o pó d'arroz — pela pena. E' uma ofensiva em forma, em pelotões belicosos...

—Fala-se até no *fauteuil* da Academia o *fauteuil* de Maria Amalia Vaz de Carvalho...

—Só como *blague*, meu amigo! Quem ha aí que se compare com essa figura maxima? E' absurdo, afirmo-lhe. Só como *blague!*

Entretanto, Veva de Lima, cita alguns nomes, sem maguar outros: Clarinha, Candida Ayres:

—E' um espirito que se esconde, mas superior, absolutamente superior...

—Um espirito de «treva luminosa» — resumindo...

E sinto que a entrevista está acabada. Veva de Lima tem um chá á espera — um chá e uma amiga. Antes do final, não me esqueço:

—E os seus projectos? Os livros que nos dá?

—A minha obra é mais feita nos papeis esquecidos do que nos publicados. Sou uma indolente... Mas estou trabalhando no *Tripitico Ogival*, tres peças reunidas: *Fiore di Linda*, *A' luz d'un vitral*, e *Milagre*. Depois, talvez uma serie d'alguns escritos aparecidos em jornaes, d'algumas poesias mesmo — e, um epilogo, o tal capitulo que lhe falei, sobre a corrente moderna.

E Veva de Lima resume:

—A corrente moderna! Um grande drama! Afinal, um grande drama!

Só na despedida reparo numa almofada que se aninha sobre o divan — uma almofada que tem a forma duma borboleta. Recordo o lampadario da entrada, a luz do vitral que desce sobre o scenario de Veva de Lima. Ha uma afinidade íntima entre esse scenario e a sua obra. O seu scenario é mesmo uma grande obra de Veva de Lima, o seu scenario que nos deixou os olhos perdidos, entontecidos, como creanças numa *hermesse*.

E o creado negro desce atraz de nós hieratico, solene...

E as ramagens vermelhas agitam-se...

E o pano desce...

João AMEAL



O «Pierrot» negro da Vasiliyeff, desconjuntado, fatalista, brinqueado de dor e de tragédia...

(Clichés Garcez)

# ajubarrôta



A SOMBRA DA PADEIRA (*Vendo-O passar*):

Sús, sús, lançaê pregão por Portugal!  
Arraial, arraial!  
Eil-O que passa! . . .  
Pertence à fina flor da antiga raça,  
que fez gloriosa a grei!  
Maravilha da Côrte e da Nobreza,  
ao Mosteiro, nesta hora de incerteza,  
vae, da parte de El-Rei! . . .

Sús, sus! Relembra os fastos celebrados:  
— Dom Nuno, os Namorados,  
a arraia tão leal! . . .  
E scisma! E dentro em si leva saudades  
do sol de outras edades . . .

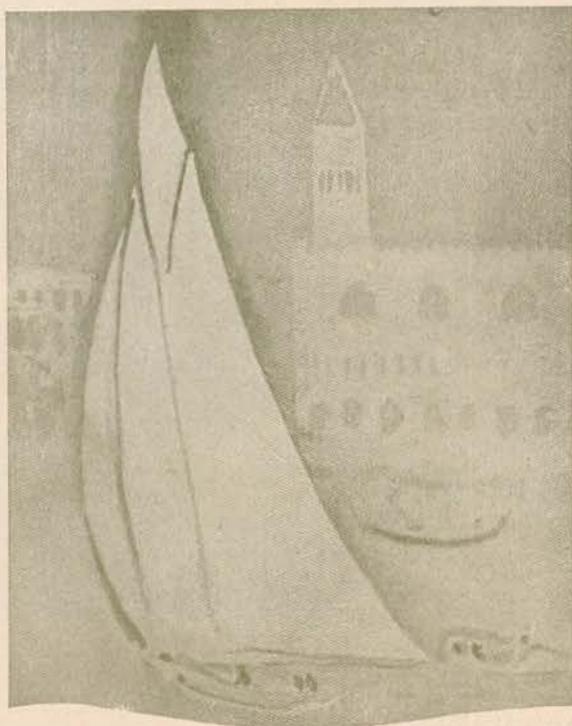
. . . . .  
Arraial! Arraial! . . .  
Para a passagem,  
em preito de homenagem  
a minha Pá de louros enramei:  
E hei-de ir o Seu caminho atapetando,  
com setecentos beijos que lhe mando  
por cada um dos *sete* que matei! . . .

(*Inédito*)

BRANCA DE GONT'A COLAÇO

(FRAGMENTO DO LIVRO EM PREPARAÇÃO «AUTOS FÓRA DA SCENA»)

Desenho de COTTINELLI TELMO



Quadro de Van Dongen

## A S V E L A S

**S**EMPRE adorei as velas no mar, esbelteza alada e feminea das naus, sua garrida e aventureira graça!

Todo o navio a vapor é homem, até os lânguidos hiates que adormecem nos golfos moles, e me fazem sempre que os vejo a tristeza de ser pobre. — Ah! ter um desses lares, tão bons para morrer de vagar, a sonhar...

Mas todo o navio á vela é mulher, e, para mim, estes versos de Bandelaire são também meus:

*Quand tu vas balayant l'air de ta jupe large  
Tu fais l'effet d'un beau vaisseau qui prend le large,  
Chargé de toile...*

Da gôndola que o velho Giovanni enfeitára com moedas do Cinquecento e arvorando-lhe um resplendente Cristo á prôa, como eram belas as velas em Veneza, iluminadas de ocre, de âmbar e de ouro, escorrendo no iris da laguna as côres que o sol derrama e lambe!...

De um alpendre numa ilha de Bruma, amei-as no entresonho do meu cachimbo, vendo-as singlar lá longe, sabendo-as tripuladas por pescadores que se en-

comendam á Senhora e encontram no mar alto os vapores de pesca a cujas amuradas se encostam marujos ruivos que consideram com desdem estes mendigos morenos e os seus barcos com nomes de santos...

Amei as velas finas que andam aos beijos á roda da ilha de Whight, em manhãs perladas da season.

As velas do Lemau pareciam-me freiras no claustro azul do lago, ignorantes e talvez ansiosos do amor!

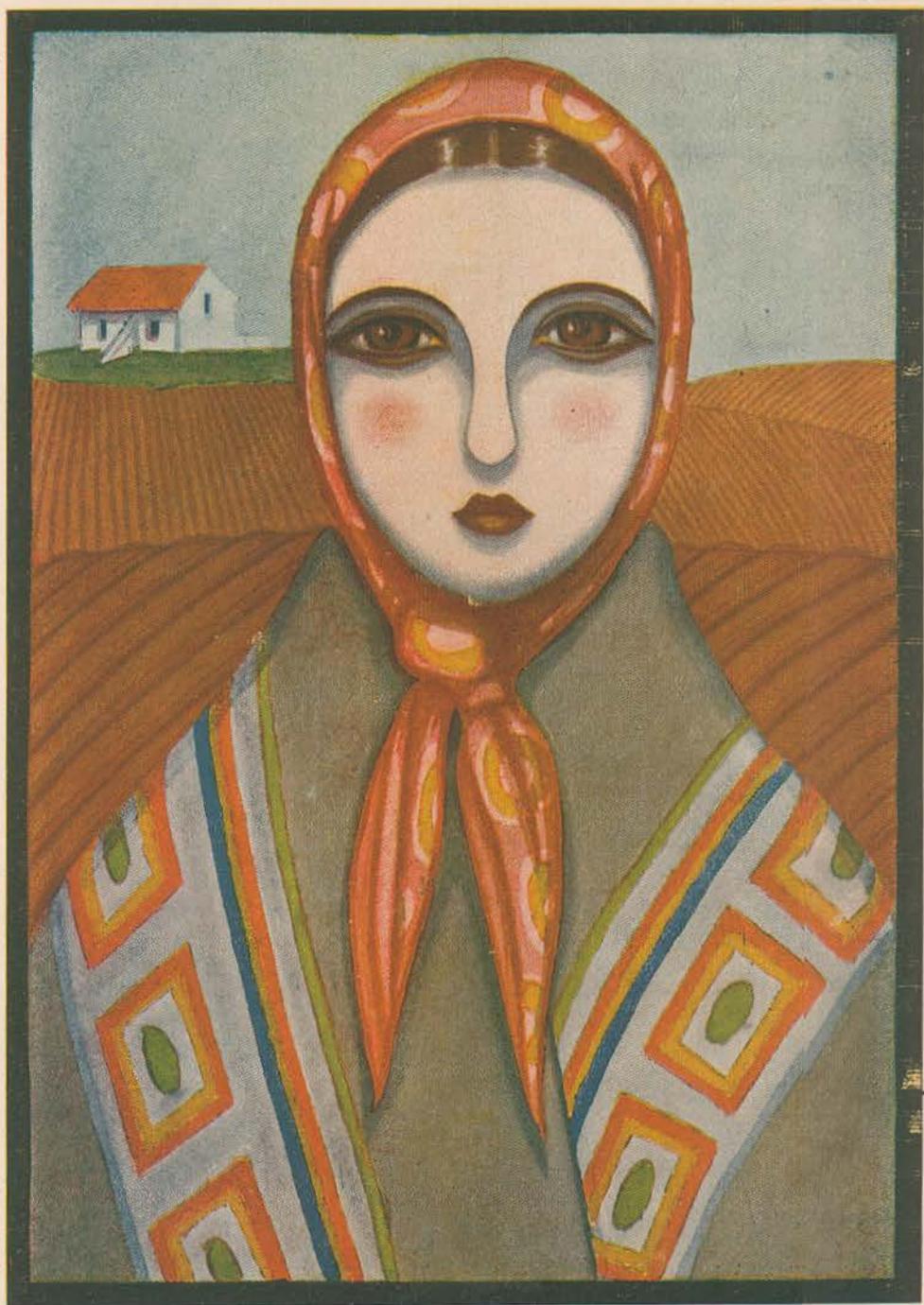
A uma vela flamenga, que aprova ao negrume do mar do Norte, ouvi cantar um verso de Verhaeren.

Nas aguas da Madeira e por entre as flores dos jardins onde andára sonhando Isabel de Austria, sonhei com a vela em que Ana d'Arfet jámais lá foi...

Sózinho á noite na praia, estremecei enxergando nas aguas pisanas uma vela... o fantasma da de Shelley, filho etéreo de um herói e de uma sereia.

Mas nenhuma vela me comoveu jámais como aquela que uma vez vi passar, enfunada e loira no azul, lenta, enorme, — gloriosa e paradoxal! — ao fundo da rua do Ouro, lembrando á cidade indiferente o Tejo que ela matou...

AFFONSO LOPES VIEIRA



5

O ALENTEJO É UMA PROVINCIA-MULHER UMA MULHER TRISTE COM OLHOS DE PLANÍCIE... ROSTO SEM GRITOS, LÁBIOS SECOS MAS COM A ALMA ALAGADA, ALAGADINHA DE MELANCOLIA... NO ALENTEJO HA CRISTO EM TODAS AS HORAS, O ALENTEJO É A CRUZ DA RAÇA... ENTRETANTO A DÔR, ALI, NO ALENTEJO, É UMA DÔR QUE SE RETRAI, A DÔR QUE SE AMARRA NUM LENÇO, UMA DOR QUE FITA O SOL SEM DESVIAR OS OLHOS... APELES ESPANCA, UM OFICIAL DE MARINHA QUE NO MAR-ALTO ENCONTRA PORTUGAL NA SUA ARTE, PROCUROU DAR ESSE ALENTEJO TRISTE E SERENO NO DESENHO QUE REPRODUZIMOS. APELES ESPANCA É UM ARTISTA NOVO, UM ARTISTA QUE COMEÇA. A «ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA», HONRA-SE MUITO EM PROFETISAR-LHE UM FUTURO DE GLORIAS.



## ABAT-JOUR

16  
11.  
Meu abat-jour, redoma de paisagens,  
Jardim onde os meus olhos são meninos,  
Robe-Chambre da luz todo em raíagens,  
Touca dos meus minutos femininos...

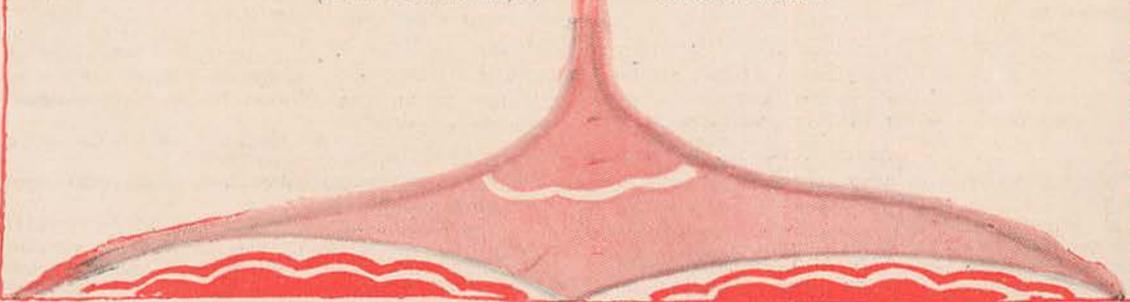
Meu abat-jour, minha rosa impossível,  
Que a minha casa pôs na botoeira,  
Sobre um corpo esgalgado de estrangeira  
És um chapéu duma largura incrível...

Le'nbras Paris... Ha boulevards nas côres,  
Lampada ao centro para que se veja  
Que também tens a praça da Etoile...

Céu onde em vez de estrelas brilham flores  
P'isso do meu olhar onde me beija,  
A luz esguia, eléctrica, sensual...

(Desenho de Bernardo Marques)

ANTONIO FERRO



# A' HORA DA METRALHA



ZULMIRA percorria alucinadamente a casa, de janela para janela, as mãos na cabeça, o olhar de terror.

A revolução alastrava. Já não era só do Terreiro do Paço que vinham clamores, o resfolegar da multidão armada, vivas, morras, glosados pelo rasgar seco das descargas. Já não era só no Tejo, límpido como espelho e tranquilo como a luz, que o canhão rugia, pestava dum novo Apocalipse vomitando fogo. Nas ruas visinhas começavam a ouvir-se tiros, gritos, correrias. E na sua própria rua, ainda momentos antes deserta, na quietação sufocada do perigo em ameaça, — quietação apenas quebrada pelos curiosos, de olhos turvos, que espreitavam às janelas — passavam agora grupos de civis armados, populares foragidos da maré crescente, patrulhas militares de baioneta calada.

Cada vez mais perturbada, Zulmira lembrou-se de que talvez ele se tivesse refugiado do temporal em casa dos primos Sepulvedas. Mas porque não lhe telefonara, se assim era, para seu socego? E admirada de se não ter lembrado, ela própria, de falar para lá, correu ao telefone, tomou agudamente o auscultador.

— Está? — inquiriu do silêncio obstinado dos fios, de onde não vinha a voz da telefonista correspondendo à chamada.

Bateu freneticamente no descanço. Bateu de novo, os colchetes eburneos dos dentes superiores pregados no setim morno do labio de baixo, o cariz sépia dos olhos enevoado de angústia. — Está lá? — repetiu, soluçou. — O' menina! E' demais! Pelo amor de Deus! Ligue-me p'ró 6 7, 9, 9, Central. Isso, isso,...

Esperou um minuto — um minuto em que se lhe afigurou poder ter dado a volta ao mundo. Bateu outra vez no descanço, num silvo de cobra, num gemido de rôla.

Lá fóra os estampidos multiplicavam-se. A revolução tornava-se um largo crepitar de batalha, fogo vivo de incendio em que o combustível era o odio de irmãos contra irmãos — odio de partilha à beira de moribundo.

— Está lá? — quasi suplicou, tornando a bater. Ouviu uma voz. O coração comprimiu-se-lhe. — Quem fala? Ah, a menina dos telefones! O quê? A linha estragada?! Mas tivesse-m'o dito, menina!

E Zulmira, a cabeça abrazada, a garganta sêca, decidiu vestir a sua capa, pôr o seu chapéu e marchar para casa dos primos Sepulvedas. Mas como atravessar as ruas em labareda? E os seus filhinhos — pequeninos, roseos, dois cravos miudos, ainda mal seguros na haste, na contingencia de ficarem, no mesmo dia, sem a seiva do amor da mãe, sem o sol do amor do pai? Mandaria lá um moço. Se houvesse algum que se prontificasse a arrostar com os perigos da tormenta, dar-lhe-ia o que lhe pedisse, o seu dinheiro, as suas joias.

Alzou-se da janela. A rua, agora quieta, tinha o ar suspeito dum lugar de emboscada. Não havia ninguém sequer às outras janelas. Chamou as criadas, as duas, a mais nova primeiro, depois a mais velha.

— Sim, tendes razão — concordou ao verificar, com frio na voz, que de facto morava no Costa do Castelo, que era na Estrela a casa dos primos Sepulvedas, e que quem lá fosse teria de atravessar a zona mortífera da Baixa.

Na Estrela! Mas o Arnaldo, nessa tarde, não devia ter ido à Estrela. Saíra com a intenção de resolver uns negocios na Baixa, no Monte-Pio e no Banco Lisboa Açores, no Ministério do Interior e na Livraria Ferreira.

Começou a entrar-lhe na alma o pressentimento de que o haviam morto. Sim. Era isso. Surpreendido pela batalha em plena Baixa, ele que não se refugiara em casa, ele que devendo calcular a sua agonia lhe não falava pelo telefone, é que fóra vítima da metralha ou das balas. Telefonou para a Morgue, transida de pavor. De lá, a custo, a muito custo, disseram-lhe que não havia possibilidade de identificar os cadáveres, que eram aos montes.

Aos montes, os cadáveres! Então sim. Decidiu-se. Ia à Morgue. Convocou as criadas. Fez-lhes a entrega dos filhos, com disposições testamentarias para o caso provável de não voltar. Pôs a capa, o chapéu, a tremer. E via, nítido, no seu aspecto fisico, na sua forma corporea, o cadáver do marido, olhos de espanto, boca ensanguentada, entre rumas de cadáveres do mesmo aspecto.

O seu Arnaldo! Corpo docil de marido e de amante, afeito ao macio tecido dos seus braços, descanço apetecido da sua cabeça masculina de lutador — para ali abandonado nas lajes frias do necroterio! O seu Arnaldo! Alma clara de idealista e de patriota, sonhando com a comu-

nhão fraternal de homens e partidos, de confissões e seitas — para ali tombado entre frangalhos de homens que se assassinaram em nome dos seus partidos, das suas confissões, das suas seitas!

Nisto, já pronta para sair, os ultimos abraços, os derradeiros beijos rematando a despedida dos filhos, a campainha do telefone retine. Encosta-se às paredes para não cair. Comprime o peito para não estalar — que o coração parece querer saltar, ele proprio, em direcção ao auscultador. Nova chamada, sacudida, imperativa.

Seria realmente da Morgue? Seria algum amigo que ali tivesse ido reconhecer-lo?

Abeira-se do auscultador. Leva-o ao ouvido numa ansiedade e numa agonia.

— Está lá? Quem fala? Hean? Ah, tu! Tu, Arnaldo! — uiva, suspira, primeiro num impeto, logo sufocada pela comoção. — Sim! Não venhas, não! Deus nos livre! Estiveste em perigo? Meu amor! Donde falas? Han? O numero do telefome... Sim, dize... 7, 4, 2, 6... Norte...



Mal acabara de ouvir e repetir o numero, a comunicação fôra cortada, num repente, tal qual como se uma bala houvesse quebrado o fic conductor. Bateu, uma, dez, vinte vezes no descanso, a mão nervosa, os olhos em chama. Mas da estação só volvidos minutos responderam — e quando responderam foi para lhe comunicar que o 7, 4, 2, 6, Norte, estava impedido.

Sentou-se, à espera. Ah, os telefones! O que lhe valia, agora, para a socegar, é que tinha a certeza de que o seu Arnaldo vivia. Queria saber aonde se encontrava, claro, e desejava conversar com ele, transmitir-lhe as suas apreensões...

—E' verdade... —concentrou-se o olhar de subito fixo no vago, a fisionomia numa contração de espasmo ou de amargura. —Ele ocultara-lhe o nome dos donos da casa em que se abrigara... Porque? Norte! As linhas telegraficas do Norte correspondiam ás avenidas novas. E era nas avenidas novas, servida pelo telefone Norte, a morada daquella criatura sardenta e alta que o não largava, cujo nome desconhecia, cujo marido havia saído para a França. Não seria de lá que ele lhe havia falado?

Uma lividez mortuaria tomou-lhe a face, ainda minutos antes patinada daquela côr carmezim que no morango revela a sazão da colheita. Abriu a lista dos telefones. E como caçador pertinaz que bate luras e matagais na busca do coelho, ela aí se pôe a percorrer os numeros, as aleas espessas de numeros, na pesquisa incerta desse numero — na ansia de descobrir atravez dele o nome da sobrescritora. Percorreu de alto a baixo a primeira página. A segunda passou-a de baixo para cima. Mas as letras entraram a agitar-se sob o bafo resfolgante da sua respiração. Ao mesmo tempo, ao fogo vivo dos seus olhos, elas começaram a tomar um tom quente de rubôr. E dentro em pouco corriam, cabriolavam, e o cavavam-se, precipitavam-se umas sobre as outras. E já não eram negras, nem apenas rubras. Eram amarelas, azues, vermelhas, contas de missanga arrastadas numa vertigem. Depois, á uma, todas elas, alavam-se, fugiam, e eram faulhas de incendio no seio de um vendaval.

—Ah! Cá está! —acentuou, levando ao numero revelador o dedo crispado, como para segurar a prêsa emfim afojada: —Norte:—7, 4, 2, 6. J. L. Ferreira, Rua Latino Coelho, 500, 2.º

Zulmira teve a sensação e o estonteamento das

sincopes cardiacas. Ferreira! Sim, recordava-se, era Ferreira o apelido de certa criatura que o procurava no escritorio. O seu Arnaldo! Infame! Traia-a — a ela, que ainda minutos antes estivera pronta a sacrificar-lhe a vida! Enquanto ella sufocava na angustia da incerteza, entregava-se elle aos braços da devassa, de todo alheado da escrava e dos filhos! Mas iria á rua Latino Coelho, ella mesma, para dizer a essa má mulher quem era aquelle homem prejuro, para lhe lembrar a elle os filhos esquecidos em casa. E se morresse pelo caminho? Aí ficavam os pobres pequeninos sem o seu apoio maternal, quem sabe se em breve entregues á feroz autoridade da madastra. Não! Ia falar-lhe ao telefone. E era elle que tinha obrigação de logo seguir humilhado, abatido, para a companhia dos seus! A revolução crescera de violencia?

E como a responder á sua pergunta, da Rotunda para o Tejo, do Tejo para a Rotunda, parecia-lhe que no Largo do Pelourinho, que nos altos de S. Pedro de Alcantara, os canhões troavam e metralhavam, cortando o ar com zumbidos de enxames em fuga, sacudindo a cidade com tremores de terramoto.

—Não importa! —concluiu, desvairada de furor. —Que venha! Já! Prefiro-o morto, mil vezes morto, a que continue ao lado daquela mulher!

E foi com os olhos abrasados de odio, esses olhos que ha pouco, inquietos de cuidados, ninhos de amor de onde o amor andava ausente, que Zulmira tomou o auscultador, que Zulmira bateu no descanso, que Zulmira se dispôs a condemná-o á morte.

—Está lá? —interpelou, impondo á voz tonalidades de juiz proferindo a sua sentença. —Quem fala? Han? O senhor... —e num clamor de alivio, lembrando-se de repente: —Ah, o sr. José Ferreira! O Arnaldo está aí? Desesperado por não ligarem para aqui? Ah, as meninas dos telefones! Faça favor de o chamar! Sim! Espero! Eu espero!

E sentou-se, a arfar, a face numa vermelhidão de madrugada de sol. Ao sentar-se, as criadas, á frentes dos pequenos, precipitaram-se na sala, de roldão, as mãos na cabeça, os olhos pavidos, por que grupos de civis iam assaltar o quartel do castelo.

E ella, o olhar cheio de confiança, a voz crepitante de sinceridade:

—Não é nada, raparigas! Soceguem! Isso passa já! Lisboa — Dezembro, 921.

SOUSA COSTA



# O SINO DE RIBAFEITA

**S**ABIA-SE que o bronze só por si não daria som tão raro.

Nem a prata, nem cristal, nem o vento na rama dos pinheiros, ou a água no rio, ou o mais que dá gosto ouvir de perto e de longe se comparava ao dlandão da torre.

De coisas secas e mirradas como são os metais nem valia a pena pensar que tanto de vivo saísse. Mais do que vivo, talvez alma, coração ou carne de sentir porque chorava, cantava, ria, ou senão quando resava. E' certo que antes de os porem no seu logar os sinos recebem o batismo igual ao de um menino, um nome e o latim sagrado que serve para acomodar a alma no corpo dos inocentes.

Mas a todos cabe a mesma sorte, e o sino de Ribafeita, parecido no molde e na côr a quantos havia pelas igrejas d'aquem e além do Vouga diferenciava-se dos outros.

Um acaso... Também as gargantas por fóra mostram igual redondeza, e por dentro umas soam roufenho que nem panela rachada e lá vem a raridade imitante á de querubins.

Não senhores. Quando foi do hereje que andava á caça pela nossa serra e uma tarde ao escurecer ouviu tocar o sino, que aconteceu? Caiu de joelhos e d'aquela hora em diante ficou um santo.

Para esta não havia resposta. O sino de Ribafeita guardava misterio na entranha.

Ha muita cousa encoberta, sem explicação, em cada minuto sucedida pelo mundo. A lua rompe sempre da banda do vento suão e umas vezes dá quebranto e as porcas botam a barriga, e d'outras faz medrar os bacosos. Sabe-se lá. Os homens são gerados da mesma maneira e uns saem ladrões de estrada, outros dão a camisa aos pobres.

Está visto, está visto.  
Quedem a lingua os incredulos. Não ha sino comparavel ao de Ribafeita. Quando ele toca ao morrer do dia as sardanitas que andam por fóra, param a escutar e as recolhitas apontam ao buraco. As aranhas, os sardões, as cobras e demais bichos que se agradam de musica fazem outro tanto. Não ha guela nem aza que bula enquanto passa a rebolar pelos oiteiros, como uma bala de estopa, a rodela de som, exatamente temperado nas côres do ceu, roxas, alarajadas, verdes, um arco-iris servindo ao gosto de cada um. E tantos olhos vivos a brilhar pintados na luz do solpôr deixam nas paredes velhas uma orvalhada de pedras preciosas.

Mesmo calado com os dois braços metidos na ventana toma o ar de pessoa siseda a mirar o que se passa de bom e de mau na freguezia, assim a modos de senhora dona, grave, com sua saia de seda cinzenta e corpete escuro a quem importam as coisas serias sucedidas em roda, na vastidão das encostas, lagarta nos milhos, saude dos meninos, os que vivem, os que morrem, onde é a festa, aonde a anciedade, sempre pronta a movimentar os corações piedosos para um auxilio.

Estranhem que as gentes estimem o sino como a parente chegado, de bom conselho e ajuda. Se o ouvem falando-lhes a todas as horas no que succedeu pela vida além e nunca mais esquece. E o modo como diz as cousas! Quando vae a dobrar estendendo para fóra a boca e o badalo, digam que não é mesmo uma vaca apaixonada a mugir pelo vitelo que lhe roubaram, de pescoco estendido e as beíças largas mostrando a lingua.

Todos os sinos falam do mesmo modo?  
Não creiam. O de Ribafeita mereceu fortuna especial. Foi destinado por Deus para grandes coisas. Seria uma graça por ser manso o povo d'aquelas ribas do Vouga? Por ser duro de genio e carecer de voz melhor temperada para contê-lo no respeito da lei

divina? Não se póde saber, porque de tudo medra no logar.

Da sua alta natureza é que não se permitem duvidas. Escutem.

Sino dotado de som tão raro ganhou fama por longe. As aguas do Vouga alisavam na racha mais funda das serras a estrada nova por ele seguida de freguezia, em freguezia. E tanto foi e tamanha nomeada se transmitiu que chegou aos ouvidos do senhor bispo.

Ora isto succedeu naqueles tempos antigos em que um prelado mandava intimações como as do senhor rei da sua côrte.

Veio primeiro, de boca, a vontade de que o sino amoso badalasse nas torres da Sé de Vizeu. Meditassem na honra, equivalente a grande distincção para a freguezia, quasi o mesmo que fazerem do humilde cura, o bispo da diocese.

Seria boa a dignidade mas o povo estimava o seu sino como se o tivessem fumido da buchada de cada um. D'ali não arredaria.

Mandaria em troca o prelado um sino maior, com tempera de prata, batizado por suas mãos veneraveis e recebendo por memoria o seu nome.

Nem que o cravasse de diamantes.

No sino de Ribafeita morava a palavra de Deus, em primeira mão. Tinham-no ali as almas, para acudir ás necessidades, pronta, sem recorrer a advogado contra a seca e a cheia, para curar cambras de meninos e a servigieira dos gados.

Passa por lá muito bem o senhor dom prelado. Se quer ouvir o sino venha a Ribafeita onde toca para pobres e graúdos.

Vieram emissarios do sabido com suas falinhas mansas a persuadir os caras - desdentadas, que ouviam de chapeu na mão e a recusa a sacudir a grenha.

Depois correu a ameaça. Uma excomunhão por desobediencia.

— Excomungado será ele esse nos roubar o que temos de mais sagrado.

O senhor bispo decidiu-se.  
Mandou homens de lidar com metais, conegos e uma escolta, o carro, as corólas e alavancas.

Ergueram-se forcados e maachados, os passaros calaram-se de cantar, os cães ladraram. Mas os arcabuzes virados contra a parede formada pelos peitos contiveram a arremetida.

O sino desceu da torre. Não sem que o mestre da manobra caisse renondo a extrebuchar quando no chão lhe tocou com o martelo ao de leve a experimentá-lo

Posto sobre o carro partiu pelo caminho de relheira aspera. A cada solavanco o sino gemia como um desterrado conduzido a cativoeiro. E cada gemido arrancava ao povo urros de maldição. Houve quem se deitasse diante dos bois, e esses, também comovidos paravam o seu andar.

Foi preciso que os soldados tomassem a dianteira a afastar os rebeldes á corronhada e largando tiros para assustar.

O sol escureceu e as galiinhas nessa tarde recolheram antes da sua hora depois de regeitarem o grão da entrada no poleiro.

E o sino continuou dando a cada pulo do rodeiro nas pedras. Passou o Casal, deixou a freguesia entrou em Bodfosa. De voz abafada, imitante a quem soluça pouco a pouco foi esmorecendo.

Mais se afastava e memos o som se distinguia. Além de Travanca era quasi um suspiro do peito que morre.

A ladeira continuava subindo para o alto que faz a partilha das aguas entre dois rios. De cá o Vouga, de lá o Mondego.

Ganho o cabeço donde se avistam as torres da Sé, ficando Moselos ao calcanhar, o sino emudeceu de todo e sobre o carro ficou como um defuncto.

Asperas eram também as relheiras na descida. Solavancos de partir o espinhaço a um lobo. Mas o sino calado, exatamente um morto levado no esquife.

No adro da Sé estava o senhor bispo de roquete no meio do cabido.

Abençoou o sino, tres vezes sacudiu o hissopo e deu ordem para sem demora o içarem.

que o sineiro tomasse o seu posto e tocasse a dobrar.

Bem cumpriu o serventuario o seu mister. O sino erguia a boca para o arco da ventana, mas sem ninguem o ouvia.

E o senhor bispo perguntou irado:

—Perderam-lhe o badalo?

Já o sineiro descia atonito as escadas da torre e,



Toda a cidade reunida enchia o largo, as janelas e telhados, sustendo a inspiração para escutar melhor a primeira badalada.

Sobre tão grossa multidão ouviam-se os pardais e ao longe na mata do Fontelo o alarido dos pavões.

—Na gente só havia olhos.

Posto finalmente no seu logar mandou o prelado

junto de todos os maiorais que cercavam a mitra, gaguejava o assombro que lhe deixara as pernas bambas.

—O badalo está lá, mas o sino parece de estopa.

—Como?

Subiram a certificar-se. E o proprio prelado depois de mirar a lingua de ferro com que os sinos di-

zem o que tem no pensamento, açoitou num camarello e descarregou a pancada nas beirorres de bronze. Silencio. Foi como se tivesse dado num sacco de lã.

Fóra do seu grave mandou que atirassem ao terreo a atrevida impostura.

Arreceou-se o cabido e os homens bons que o cercavam.

O sucedido andava por fóra do natural do mundo.

A voz prelaticia retumbou:

—Ou o sino, ou todos pela ventana fóra.

Cumpriu-se.

Homens do officio despegaram os braços, empurraram e em baixo no chão batido, o grande peso caiu como penedo em areia.

Espalha-se a noticia e breve chega a Ribafeita.

Quantos a souberam abalaram de corrida.

Atravessam a cidade, chegam ao adro da sé.

O sino enterrara-se, na queda, até meio.

Tiram-no com amor, sobem-no ao carro e tomando por consolações a zombaria dos bonifrates da cidade meteram a caminho para a freguesia.

Calado foi o sino até ao alto de Moselos onde as aguas do Mondego se apartam das do Vouga, nas transposto o oiteiro, quando entra a descer-se para o refego aberto p'r Lafões o sino voltou a soar.

Tantas foram as lagrimas que até o ribeiro Trouxe fez caretas por lhe saber a salgado. Não por estranharem o prodigio, pois bem entendiam que a mudez era a paixão de se ver apartado dos oiteiros do feito de uberes onde o Vouga mama, e das gentes que os trata como se fossem peitos de mulher.

Colocado no seu logar badalou sem despegar o resto do dia, e com tanto agrado que parecia um ra-

paz vindo do Brasil a contar as maravilhas da terra grande.

Agora ninguem põe em duvida que o sino de Ribafeita tem segredo escondido que o differença de quantos existem na redondeza dos montes distantes, a Gralheira, o Montemuro, a Ventosa. Talvez sejam as almas que se apartam da vida por ele choradas e lembradas. Escolhendo morada no seu bojo falam daquelle modo, com a sua geração deixada no mundo e graças ao poder que a eternidade lhes dá, excedem a força dos vivos.

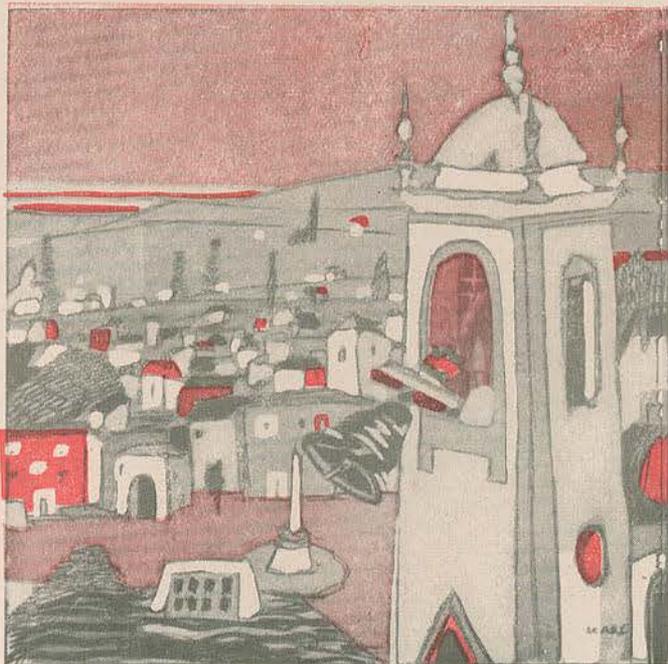
E se assim não fosse, como havia de explicar-se a raridade vista ao acabar a noite? Ele toca e as estrelas somem-se, o ceu toma a cor rosada de uma criança de mama, o ar muda em cambraia de baptisado.

E á tarde quando despede as tres badaladas o dia cessa. Os passaros calam-se, os pinheiros que todo o dia rumorejam os seus dizeres, ficam parados a ouvir. As terras e os penedos que no correr das horas, emquanto ha luz, se mexem e disputam em ciume de belesas, recolhem-se atentos á voz do sino, resignada e humilde. E á hora da consciencia e da bondade, em que o silencio vem do seu palacio a falar ás almas com as palavras curtas e graves de um grande senhor que tudo sabe e ensina.

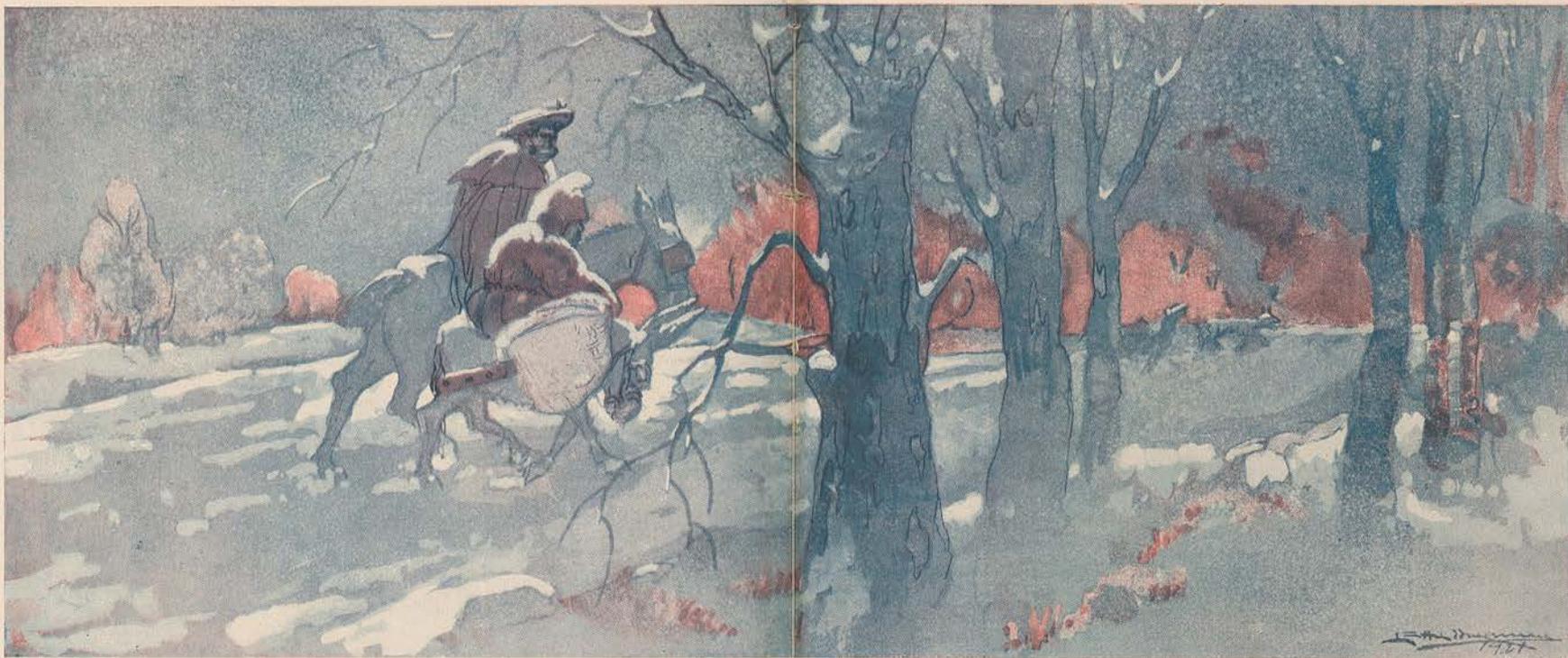
E o Senhor Silencio, deixada uma esperanza na vacuidade final de tudo que o sol fez medrar, monta nas ondas de som e parte para a torre onde fica a descansar.

E' lá junto do sino que vai cogitando os melhores pensamentos depois comunicados aos corações inquietos.

SAMUEL MAIA.



Ilustrações de BERNARDO MARQUES



## OS LOBOS, UM FRADE E COMPANHIA

«**U**M ano — lembra-me como se fosse ontem — eram vespas de Natal, voltava eu de jornadear por termos da Pesqueira, foi-se-me pôr o sol na Serra da Lapa, a meio daqueles ermos que são o purgatório do viandante, fraga, mais não pôde deixar de ser, da maldição do diabo. Caía neve, uma nevasca tão baça e emmassacada que o céu era mais tapado que um capuz e cega de gota serena a terra inteira. Apagara-se todo o lume de carreiro e eu largava corda bamba ao macho que, embora pouco trilhado daqueles caminhos, melhor os palpitará que eu. Também o cão do vento, bufando de frente, chapava-me nos olhos com tais manchocas de neve, que não havia remédio senão fechá-los. Lá ia eu á ventura, todo enfonhado na romeira, ouço businar-me aos ouvidos:

— Pára, homensinho de Deus, pára!

Deante de mim um vulto atravessava-se tão desconforme e tão branco que, resoluto como sou, dentro das entranhas senti berrar ai Jesus! Mas o que era estava encançado sobre um azemel e o azemel sacudia a neve das orelhas e levantava para o macho uns olhos pacíficos e muito tristes, modo neles de pedir consolo ou trocar a salvação. Depois uma cara medea e gordalhuda mostrou-se, aquela caraça de bons amigos de Fr. Joaquim das Sete Lanças — irmão, que Deus haja, da ordem de S. Domingos e andava ao peditorio de terra em terra para o collegio de fradinhos da Fraga com aquele rusilho tropiqueiro, convidando as boas donas, a troco de chouriço, naco de presunto, cereais ou fruta, com ossos dos milagrosos martires, lascas do santo lenho, pingos da agua do Jordão ou pó para matar as pulgas.

Entos, vá de amenidades, como o

nosso caminho enfiasse para a mesma banda, metemos cara á neve de parçaria.

Tudo na terra era branco, branco e imóvel e tudo no céu era baço e moveido. Nascera a lua, uma matrona de cara bochechuda á espreita, lá do fundo da casa, para os lençois da cama em que se vai deitar. Eu praguejava como é proprio da gente pouco habituada á rezas:

— Raiões partam a minha vida. Não me fazer meu pai fidalgo! Se mil diabos me levassem mall'á cadela da sorte!...

— Companheiro — disse-me Fr. Joaquim, toque que toque no azemel, tão enfarinhado que só a côca do capelo guardava um arzinho de negro — Não sabes o que dizes. Todas as vidas não são piores, nem melhores elha por elha. São vida e basta!

— Em boa hora sai V. R. com o sermonario — respondi eu. — Por ventura, a condição dos escríveis, de cadeira a cardar os desavindos; a dos padres, a comer dos dizimos e, lá de quando em quando, a louvar no ripanço ao Criador dos melros, pôde ser comparavel a esta safadeza de vida, raçor de seco, dormir quando Deus quer, ás vezes tisanado de sol, outras molhado pingando, como desta feita que já levo uma alagôa no umbigo?! Outra porta...

— Antonio — tornava ele, tangendo a bestiga para hombrear com o machinho que era andeiro — o teu entendimento dá mostras de mal ensinado. O bicho homem, quem quer que seja e o quer que faça, tem sempre consigo a mesma peçonha. E esta peçonha sabes o que é? E' o nunca estar contente com a sua dita!

— Assim será. Cá eu, franquesa, franquesinha, antes queria ser o fidalgo da Quinta da Ucha, boa braza aos pés; bons bifes na mesa, boas fêmeas para o

goso, que o pilorda que aqui vai, debaixo duma nevasca, anjo bento, que até se me afigura que deu doença no céu.

— Sim, lá horas por horas até Cristo as trocaria, e mais — era Deus. Sabes o que é preciso ter? Paciencia.

— Paciencia tenho e demais. Ainda hoje um bandalho me chamou ladrão e não lhe saquei as tripas ao sol.

— Bem andaste. Dos pacientes é o reino dos céus. — Então já tenho um lugar á mão direita de Deus Padre...

— Não digo que não é, já que essa virtude te não falta, vai mais devagar que o meu burrinho não aguenta.

Sofreel o macho. Caía neve, se Deus a dava, em vergastões, em chapadas, como quando é um mau semeador que semeia. Até onde abrangia a vista, a mortalha alvacentá engrossava, com nodos sujas nos socalcos e nos orgueiras, sacudida ás vezes por uma rabanada de vento até ficar varrido o chão e luzirem as pedras como ossos.

Não era desta neve que doba mansa do céu e parece, bailando, o esflorar das perleiras na primavera. Era a neve *ladrôa*, a neve das «moscas brancas» que voltejam á busca de carne viva para ferrar, e vem detraz, de deante, dos lados, de baixo, até descobrir furo por onde passe. Assoprava o nordeste, o grande boisana, e de górra com a neve levavam rija a malhoada. Por cima de nós, um céu de lua tórva cerrava-se, parecia mesmo a abobada duma cadeia, e ela defronte, a fraldejar, a rodopiar, com as suas mil fraldas do démo a dizer: — olhai como se bate o vira!

Pelos cêrros a subir, como quem levá ás costas

trouxas brancas roubadas, os pinheiros tinham o ar de estacar á nossa passagem, presos de susto. Nós passavamos e eles rompiam na marcha, lenta, esforçada, naquella sua teima de querer trepar aos montes.

A neve fôra-se a eles e amooralhara-os. A uns como pobres, com farrapões de rrama a negrejar; a outros como velhos fidalgos penitentes compo, brunindo-lhes mais e mais as ccabeleiras de immaculada prata. Grande bruxa!

E leva que leva, ao costear numa lomba, vamos dar de cara com um lobo, sentado sobre o trazeiro, mesmo á beira do caminho. Trazia o topete saravado de neve, neve que acamava, sinal certo que asentara ali o pouso de caça ou de esculca, se não que nos fariara de longe. Passamos rente á olhar para ele, e ele a olhar para nós, as suas duas pupilas em braza. Desconfiado que o bicho não trouxesse «roga» digo para o frade:

— Berre V. R. comigo á côa!

E ambos a um tempo, ele com a ronca habituada aos latins, eu com toda a força dos meus pulmões, que aguentavam tres minutos debaixo de agua, gritamos:

— A' côa!... A' côa!...

Santa Maria, ao som da nossa voz, ali no meio do ermo, até se me puzeram os cabellos em pé. O lobo nem sequer se mexeu, mas, não sei porque, a lua mais se encarrancou, e no circulo de claridade que ia, á medida do nosso passo, transportando-se conosco, a neve mais ballava, a danada.

— Toque cá para diante — recomendei para o frade. Picou o rusilho e, vai senão quando, o lobo levanta e, tep-tep, passa por nós e, chegado a um oiteirinho, põe-se a uivar. Uivou, uivou, o focinho muito esgalgado para o céu, contra o vento, um uivo tão alto e

agudo que devia ir pela terra fóra até a rocha dura vando.

—Camarada— disse Fr. Joaquim, puxando do ro-zario— encomendemo-nos a Deus.

—Deixe o ro-zario— respondi— e se traz faca ou outra arma, saque dela, que desaba sobre nós uma alcateia que nem os pés nos poupa nos sapatos!

—Seja o que Deus quiser!

Escurentava o luar, a pontos de no céu baço, ao perto, a neve parecer cinza que caía.

Quando chegamos ao morro, obra de cinco minutos passados, como eu botara o palpito, saíram-nos quatro lobos pela ilharga. Muito mansarrões, geito desleixado, ventas no chão como pessoas sérias que vão seu destino. Quatro feras de vulto para espostear um vitelo desmamado e dar conta dele.

—A' cóa, sr. Fr. Joaquim, á cóa— exclamo eu.

E, esparvados, com toda a alma, berramos:

—A' cóa!... A' cóa!...

Os birbantes, então, estacaram um momento, menos com ar de espavoridos de nossa manha, que melindrados da nossa falta de cortezia.

—Outra vez, sr. Fr. Joaquim.

—A' cóa!... A' cóa!...— e o nosso eco lá foi ceos fóra, a tresnoitar penedos e os animaisinhos montezes, mais aflito que rebate de campanarios ao fogo.

As feras, com todo o descaro, formaram á nossa banda como patrulha em destacamento. O luar era muito apagado, mas eu bem via o lombo dos bichos, rolando connosco a passo largo e o jogo das suas mãos elastico e nervoso. A neve, porém, mais se encarniçava contra nós, fustigada pelo vento em tais sarabandas e reviravoltas que nem batuque de negros, nem borborinho, nas eiras, enrodilhado num praganal.

A noite tinha-se, pois, cerrado, e os lobos trup-

trup á nossa banda, em fileira, cada vez mais perto de nós, tolhidos por um resto de cobardia de nos saltar. O frade vinha atraz de mim, a bater os queixais de medo, e querem vossorias acreditar, tão forte batiam que esses engenhos que se armam nos milhos contra os gaios, não entreloçariam mais forte.

—Passe para a minha banda— disse lhe eu que já me parecera ver um dos moimantes, o mais alentado, a esticar os jarretes com mentes de saltar á garupa do azemel.

O frade assim fez e, muito cosido contra mim, tanto, que cheguei a julgar que animal e frade quieriam montar sobre o machito, gemeu:

—E' hoje o nosso ultimo dia.

—V. R. não traz nada, navalha, ferro, pau que seja?

—Nada.

—Mas o que é isso que vem a tilintar nos alforques?

—E' um turibulo; é o turibulo da igreja das Arnas que levo para concertar.

—Dê-o cá.

—Hein?

—Dê-o cá... depressa!

O frade passou-me o turibulo para a mão, eu passo a faca para os dentes, e aí me ponho a tocar ferrinhos, a bimbalar, a fazer uma matinada que nem cambalheiras arrastadas por um cavallo. E, vão ver, os lobos metem o rabo entre as pernas e desarvoram.

Ouvimo-los uivar para a cernelha do morro, mas não lhe tornámos a pôr a vista em cima, nem as bes-

tas deram sinal de que nos fossem a acompanhar. O frade dava graças e berrava ao milagre.

Mas a nevada continuava a cair, já os animais encocavam as pernas e se não via palmo deante de nós. E iamos alagados, amortalhados de branco como romeiros que vão a um santinho pagar uma mercê; e o frade com o capuz erguido, os olhinhos a luzir, as mão encabadas nos canhões da túnica e o rosario ao pendurão, até me lembava um fantasma desses que se levantam das campas e veem vagar pelo mundo.

—Antonio— disse-me o frade— rezemos a Nossa Senhora para que nos leve a porto de salvamento.

Ingrolamos padrenossos e avemarias e, ao cabo, tornou-me ele:

—Tu conheces bem o caminho?

—Conheço, mas é a mesma coisa que andar por terras nunca pisadas. Vamos á aventura de Nosso Senhor.

—E não vamos mal, que não ha segundo guia para cegos. Mas queres tu saber, o meu asno conhece estes andurriais tão bem como á mangedoi-a do convento, onde ha dez anos é burro. Se nós o deitasse-mos adiante?

—Toque lá V. R.

—Sim, mas tu bem sabes que só

de me sentir sobre o espinhaço, ha-de-lhe faltar a liberdade de meter por onde lhe pede a cachimonia. E' burro e basta.

—Então?

—Olha, além de se sentir dirigido e não se dirigir, vai estafadinho como vês. Leva-me a mim que peso seis arrobas, afóra os pedacos, e carrega com os alforques onde as bôasalmas meteram com que regalar os meus irmãos em S. Domingos, batatas, cebolinhas, alhos, um pouco de carne e não sei se fumeiro. Ora tu precisas do meu jumento que te guie nas duas escuridões que são a neve e a noite. Queres tu pagar-lhe o serviço que

podará prestar-nos?

—Quere V. R. que eu leve o burro ás costas?

—Não é isso.

—Que lhe mande uma carrada de feno?

—Não seria mau, mas tambem não é isso. Ouve: O teu machinho é forte, é pimpão e vai sem carga. Queres tu levar-me na garupa e tocamos o azemel para a frente que ele ha-de guiar-nos?...

Dito e feito. O frade escarranchou-se na albarda atraz de mim e rompemos. O burro lá ia na deanteira trup, trup, avisado de tempos a tempos pela minha arreata que a sua obrigação era marchar lesto e direito. E lá foi, ainda não tinha nascido a manhã chegavamos ao convento.

Os frades aboletaram-me e, com tijeladas de mel e leite, puzeram-me fino para outra jornada por camadão de neve igual áquele.

Fr. Joaquim, quando eu já estava de pé no estribo para montar, veiu ter comigo e disse-me:

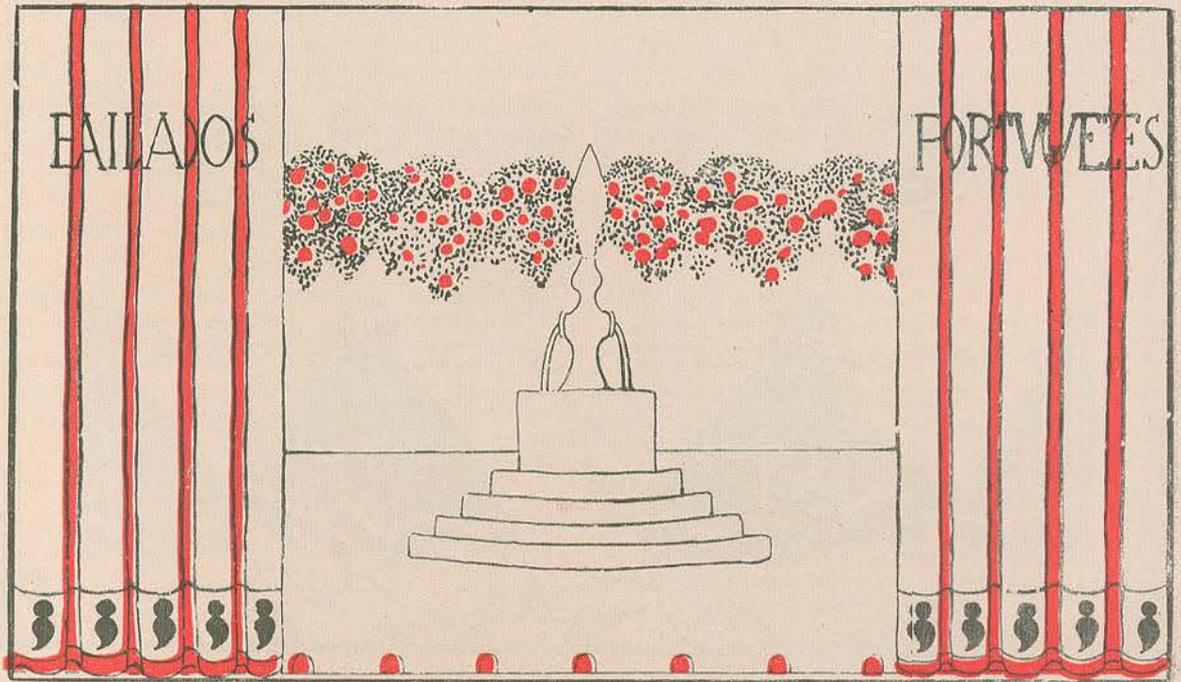
—Pega; isto é um osso do braço de S. João de Deus, que foi um anjo de paciencia; isto um cabelo da barba de S. Teotonio, de muito prestimo nas dôres repentinas. Trá-los ao pescoço e verás que nunca contigo entrará o Porco Sujo nem nas jordadas terá mais encontros.

Pedi-lhe a benção e larguei.

Aqui está; foi em vespuras de Natal, ha muitos anos...»

AQUILINO RIBEIRO





## PELA DANÇA PORTUGUESA MOTIVOS

**S**ÃO o que não falta para que a dança portuguesa surja e prospere na scena. Ha-os à farta, de sobra, esplendidos.

Motivos coreograficos, motivos musicais e os motivos decorativos, que dando interesse aos scenarios, salpicassem de pitoresco as figuras isoladas ou os conjuntos dançantes.

Vamos a ver. Algumas amostrinhas, para abrir o apetite!

\*  
\*\*

E' ou não bela e ritmavel a cadencia das moças que demandam a fonte, leveirinhas, ou regressam carregadas de agua em lindas vasilhas?

Cantares de folha, talhas de Miranda, quartas, asados, e por baixo o lenço enroldado ou a rodilha garrida. Espinha a prumo, seio espetado, emquanto a base gerigonça a compasso, imprimindo pendular surto ás saias fortes. Uma boa entrada!

Porque não haveremos de ver, com tu-

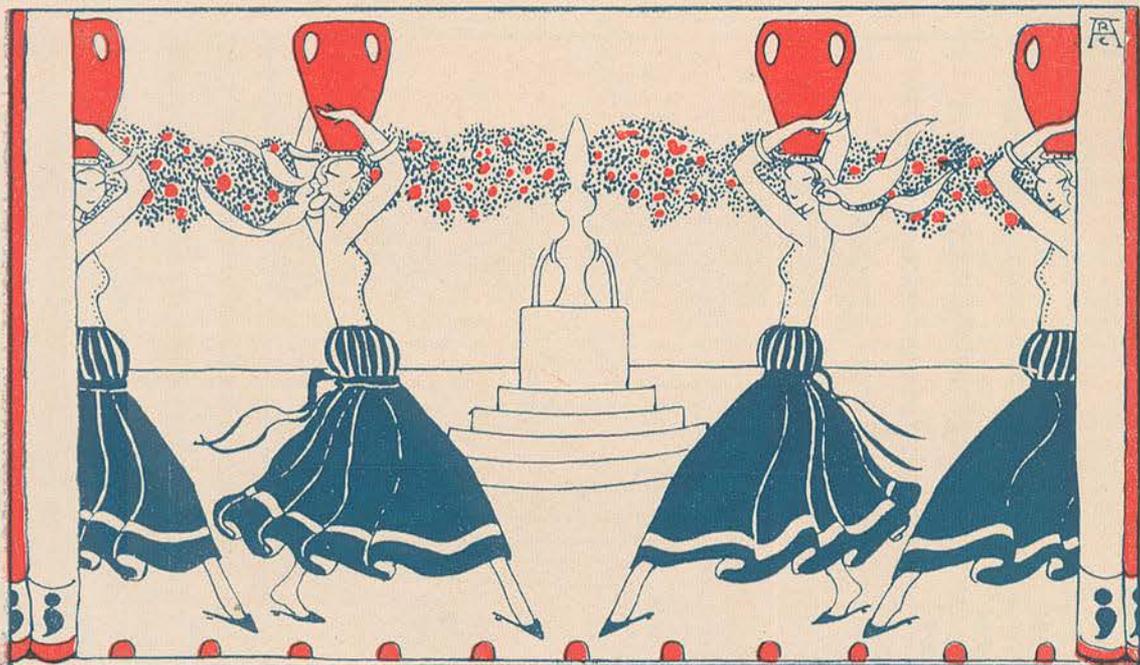
do isso, a Dança da Cantarinha? Que riqueza de gestos, que emoção de atitudes, poderia dar-nos a bailadeira esperta, que combinasse, enfeixasse, reproduzisse, os ritmos, de ordinario namorados, ou gaiatamente atrevidos, da rapariga que vai á agua!

Não o fazem de modo identico as serventes e ciradas das varias regiões. Razão de mais para que a dançadeira nos mostre as diferenças entre a sorumbática alentejana, a apalermada saloia, e, por exemplo, a tricana de Coimbra, tão Tanagra algumas vezes.

\*  
\*\*

Sonho, para a bailarina portuguesa, de que a minha prosa ande, desejosa, a anunciar o advento, ligeiras mimodanças, com um seguro fundo etnografico, onde se divissem, perpassem e ritmiem os movimentos tipicos da raça.

Os corpos falam, como as bocas, linguas diversas, intraduziveis. Compendiar, estilisar-lhes os meneios, eis o almejo!



Porque não hão-de as futuras saltatrizes lusitanas compôr, para nós, os seus pequenos poemas dançados!

Que se lembrem das avós lusitanas, cujas danças lunares Strabão registou! Se dançavam à lua as mulheres da antehistória, só parecerá bem que a invoquem também, e ao sol florido, as coribantes que venham a continuá-las.

Está tudo por criar. Para se realizar alguma coisa de novo, que geito tenha, é preciso sobrepôr ao fundo popular, sempre fecundo, uma vaga cultura literária e a intervenção dos artistas, sem as quais nada de estimável se conseguirá.

\*  
\*\*

E' belo ou não, e variadíssimo, o manejo do chaile em Portugal — perfeito atestado de regionalidade?

Ha o chaile que encobre, e o chaile que revela. O chaile austero como um manto. O chaile desmazelado como um trapo. O que se atira sobre o ombro, e o que se fecha na frente. O chaile da donzela, pudibundo. O chaile empecilhante da carrejona. O chaile reles da galderia.

Porque não haveremos de ver, em panejado a Dança do chaile? Quanta

subtileza e modalidade no rebuçar ou no descobrir.

O segredo está no começar.

\*  
\*\*

Não temos danças suficientemente ricas para palco — ha quem diga. Puro engano.

Toda a dança, afinal, se resume a bem pouco: a um ou dois movimentos básicos. O resto é papel da instrumentação, ou seja da técnica coreografica, que, precisamente, falta criar e desenvolver.

Os que viram, pela companhia de Diaghilew, as *Danças do Principe Igor* puderam verificar que o seu fogoso impeto obederia, muito simplesmente, á repetição dum mesmo tema motor, comum a muitas danças russas, em que a posição agachada é ritual.

Com um maestro meridional e dançarinos ocidentais, podia bem obter-se quadro identico, substituindo á ferocia do norte as voluptuosidades do sul.

\*  
\*\*

Um quadro de romaria minhota, com Zés-Pereiras rodopiantes, pandeiros riso-

nhos, resfolegar de harmonios e bonecos de cavalinho ao alto duma cana, o homem dos foguetes, o gaiteiro, um rufador, cachopas luzentas de oiro e valentões de varapau, o repique dos sinos e o resfregar das violas, que mais rico bailado se pôde apeteecer?

Ha, já feitos, prontos a vestir e ensenar, muitos bailados portugueses: o algarvio, o ninhoto, os beirões, o alentejano, o ribatejano, o estremenho, o duriense, o transmontano, o lisboeta, o coimbrão, o portuense, o vareiro, o poveiro, o saloio, o mirandês, o de Penafiel, o ilheu, etc., etc.

E' questão de escolher.

\*  
\*  
\*

Temos o defeito de não saber ver a beleza do que nos está á mão.

Ha pouco, vinda de New-York, passou em Lisboa uma bailarina que de cá levou um traje português de fantasia e uma dança portuguesa improvisada. Pois contou-me que na America esse traje e a dança, com que o vestia, tinham tido o maior successo.

A barra da saia, de veludo bordado em Viana, faz o desespero de quantas colegas pretendem imittá-la. Porque, ao voltear, não se esparramã e arma, em torno da figura, um grande arco negro e direito, que, por mais que a corpiem, nenhum costureiro é capaz de remediar.

\*  
\*  
\*

Já agora, outro caso.

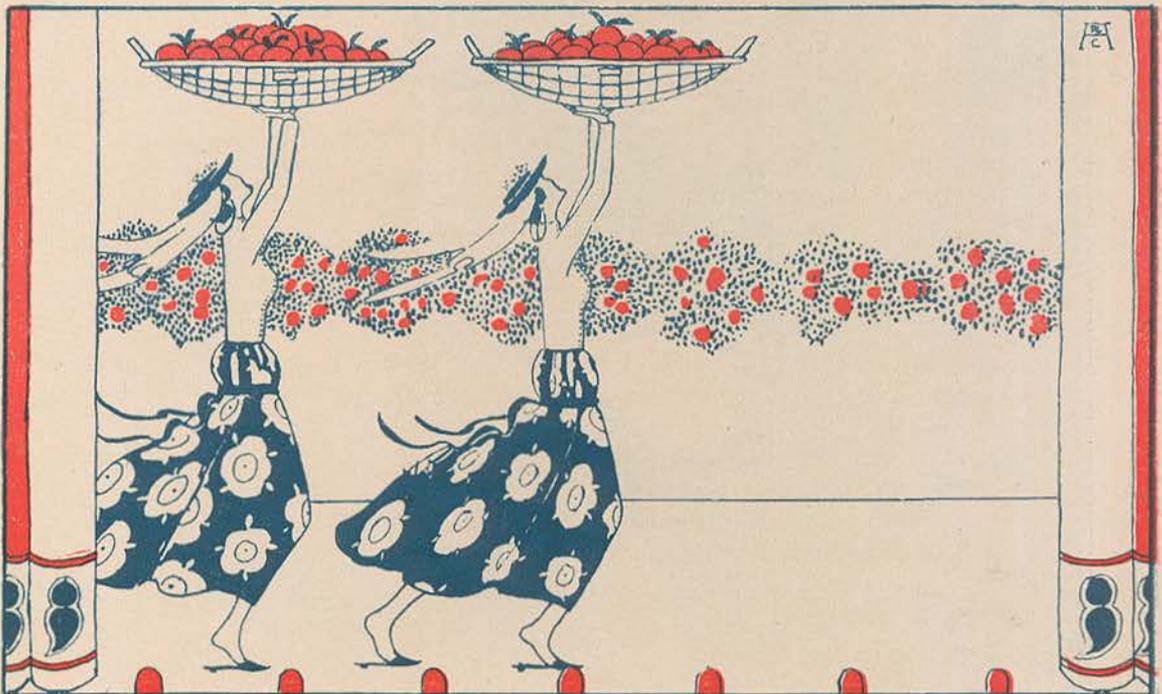
São muitas as bailarinas que dançam em Epanha o conhecido *Fado do 31*—coreografia apachisada, sem ponta de portuguesismo.

A voga foi tamanha, que certos compositores *hermanos* se meteram a compôr fados á sua moda. Um deles, cuidando que 31 era o numero do fado, como se eles cá se numerassem, arranjou, nem mais, nem menos, do que o *Fado 48*.

De modo que, quando mais não seja do que para dar um justo quinau nessas espuerias bailotices, ha que pensar a sério na verdadeira, na genuina dança portuguesa. Quem quererá começar?

MANOEL DE SOUSA PINTO

Ilustrações de ALICE REY COLAÇO





ARTE MODERNA. — *Composição da ilustre pintora Mily Possoz*



Desenho de Maria Adelaide Lima Cruz — a mais pequena colaboradora da «Ilustração Portuguesa»



## VITRINE

Passo na rua, olho a *vitrine* e vejo  
Maravilhada um mundo imaginario,  
Um mundo novo, alacre embrionario,  
Um ninho de almas dôce como um beijo...

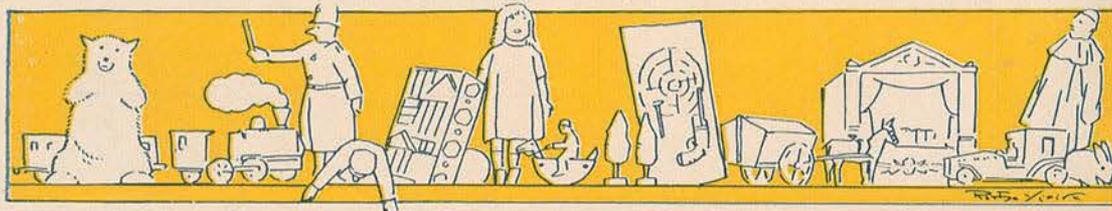
Olho corpos sem vida... O meu desejo,  
Dá-lhes alma calor, brilho, scenario...  
Que saudoso o olhar do dromedario,  
Que nostalgica a voz do realejo...

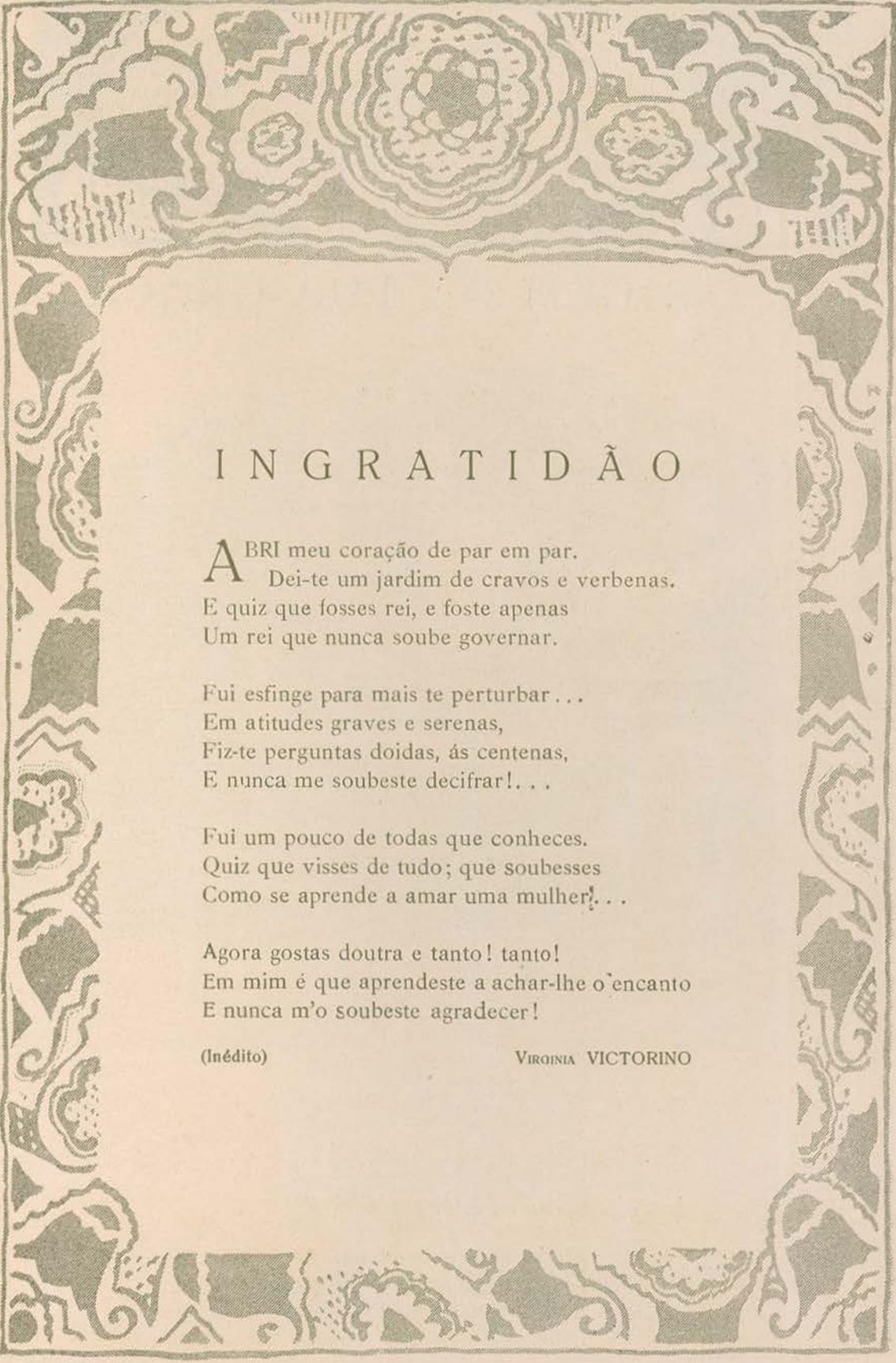
Misteriosa a alma dos brinquedos,  
Anda comigo, sinto-a nos meus dedos...  
A' minha volta cresce nevoeiro...

E o meu olhar, no geito de quem resa,  
Para a montra se eleva com tristeza,  
Com a ternura ingenua dum santeiro...

Desenhos de Rocha VIEIRA.

FERNANDA DE CASTRO





## INGRATIDÃO

**A**BRI meu coração de par em par.  
Dei-te um jardim de cravos e verbenas.  
E quiz que fosses rei, e foste apenas  
Um rei que nunca soube governar.

Fui esfinge para mais te perturbar . . .  
Em atitudes graves e serenas,  
Fiz-te perguntas doidas, ás centenas,  
E nunca me soubeste decifrar! . . .

Fui um pouco de todas que conheces.  
Quiz que visses de tudo; que soubesses  
Como se aprende a amar uma mulher! . . .

Agora gostas doutra e tanto! tanto!  
Em mim é que aprendeste a achar-lhe o encanto  
E nunca m'o soubeste agradecer!

(Inédito)

VIRGINIA VICTORINO



## A ORIGEM DA TUA GRAÇA

Não ha olhos como os teus.  
Não ha corpo de mais graça;  
Eras o sonho de Deus,  
O desejo desta Raça.

Para teres no rosto puro  
Tão divina claridade  
Queimam-se os astros no escuro  
Desde toda a Eternidade

Para que tenhas o olhar  
Tão distante e tão aberto,  
Todo o povo andou no Mar  
E foi perder-se ao deserto,

Olhos de Alcacer-Kibir,  
Que o triste caso memoram:  
Areais... noite a cair...  
E as guitarras inda choram.

Para que tenhas,—presumo—  
Côr tão linda, quando còras,  
Quanto bôca escorreu sumo  
De morangos e de amoras!...

Nem ha palavra onde caiba  
O que um beijo teu concede;  
Não ha fonte que mais saiba,  
Vinho que mais embebede.

P'ra que o teu corpo macio,  
Andando, ondeia e estremeça,  
Têm ido as moças ao Rio  
Com o cantaro á cabeça.

Se peço a Deus p'ra que fales  
E ando em gosto quando ris,  
Desde quando, pelos vales,  
Sôam plantas pastoris!

Na tua boca o sol arde,  
Deu Meio-Dia, abrazou-te;  
Nos teus olhos cai a Tarde,  
No teu cabelo já é Noite;

Não ha olhos como os teus,  
Não ha corpo de mais graça:  
E' por ti que eu creio em Deus  
E inda tenho fé na Raça.

INTERIORES DE ARTE  
A CASA DO SR. CONDE DE SABUGOSA



O SR CONDE DE SABUGOSA, UM  
DOS MAIORES ESCRITORES PORTU-  
GUESES, UM ESPIRITO ELEITO, UMA  
GRANDE ALMA HERALDICA, VIVE  
NUM DOS MAIS BELOS SCENARIOS  
DE LISBOA, UMA CASA QUE É UMA  
DAS OBRAS PRIMAS DO ARTISTA. A  
NOSSA GRAVURA REPRESENTA O  
«HALL» DA CASA DO GRANDE ES-  
CRITOR.

16881



*Uma sala de estar, em casa do grande prosador da «Gente d'algo».*



*No vestibulo do primeiro andar. Um recanto curioso*



*O gabinete de trabalho do sr. conde de Sabugosa*

*(Clichés Salgado)*



EXCERPTO DA PEÇA  
CORCUNDAS E MALHADOS

Original de AUGUSTO DE SANTA-RITA

SCENA VIII

ESTELA

*Estela e Cecilia, sós, á noite, no terraço do solar*

Não rias que o caso é grave,  
Muito embora não pareça.

ESTELA (*sentando-se vis-à-vis a Cecilia*)

CECILIA (*com ironia*)

Que estranha noite !...

Fala então ; dize depressa...  
Põe em minhas mãos a chave  
D'esse misterio profundo !  
Deus morreu por toda a gente  
E tratas provavelmente,  
De salvar tambem o mundo ?!

CECILIA (*relanceando o olhar pelo céu*)

O Céu parece de veludo !

ESTELA (*numa attitude solene*)

Tu sabes?... Contigo tenho  
De tratar de um caso serio.

ESTELA

CECILIA (*sorrindo*)

Trata-se, então, de um misterio  
Ou de algum assunto estranho?

O mundo, não ! Portugal  
E o Santo Nome de Deus,  
Que essa canalha :—os ateus,

Toda a corja liberal,  
N'uma furia iconoclasta,  
Jurou perder.

*(Batendo no peito)*

Mas aí que eu  
Jurei salvar! E' ateu  
Rodrigo de Sá...

CECILIA *(interrompendo-a com indignação)*

Oh, basta,  
Estela! que eu não consinto...  
Tu mentes!

ESTELA

Eu?!... Em que minto?!  
Não é Rodrigo um malhado?!  
Não combateu na Asseiceira,  
Com o duque da Terceira  
E Saldanha, lado a lado?!

CECILIA *(com orgulho)*

Combateu; por honra sua!

*(Num assomo de desdem)*

Malhado!... Como te apouca  
Tal palavra em tua boca,  
Propria da gente da rua!

*(Com altivez)*

E' certo que combateu  
E foi na luta leal;  
Mas lá porque é liberal,  
Quem te diz que seja ateu?!

ESTELA *(num surdo rancor)*

Dona Maria segunda,  
Comnosco sempre estará!  
Mas, Deus meu, quem a secunda,  
Se um Torquemada não ha?!

CECILIA *(com redobrada ironia)*

Quizeras a Inquisição,  
Outra vez em Portugal?!

ESTELA *(fremente de raiva)*

Para a corja liberal,  
Certamente; porque não?!

CECILIA *(com sarcasmo)*

Sim, senhora! Ora não ha!...  
Que importava?!... Ela que venha!  
Torquemada foi de Espanha,  
Mas estarias tu cá!

ESTELA *(com gravidade solene)*

Acaba com ironias...  
Só o que eu quero evitar  
E' que tornes a fallar  
Com Rodrigo; como ha dias  
Fizestes durante a noite! !  
Se o caso se repetir...

*(Com azedume)*

Emfim, que não torne a vir!

*(Numa ameaça)*

Cautela, que não see afoite!...

CECILIA *(num adesaño)*

E se vier, que farías?  
Que darás por penitencia?!

ESTELA *(erguendo-se e entrando no solar, bruscamente)*

Direi a Sua Exceleencia  
O nosso pai, e verás!...  
Não te queixes depois; eu vou deitar-me, adeus!...

CECILIA *(contorcendo os pulsos; um momento sob-*

*que lutas irei ter que sustentar, meu Deus!*

DESENHO DE LEITÃO DE BARROS



*O Natal do Seculo, A distribuição de brinquedos às creanças pobres*

*(Cliché Garcez)*